

ESPELHO E ÁGORA

ESPELHO diz certa intimidade, revela nossa aparência e nos permite decidir se estamos ou não em condições de nos apresentar diante dos outros. O que vemos, será visto pelos demais. Daí sua importância.

A *ÁGORA*, na antiga Grécia, era o lugar público por excelência, onde se debatiam as idéias novas, se faziam os negócios, o cidadão convivia com seus iguais. Nela nos expomos aos olhares e à observação dos outros.

Uma revista de teologia é, ao mesmo tempo, espelho e ágora. É o *ESPELHO* do pensamento da instituição que a publica; é a *ÁGORA* onde se apresenta aos demais e põe em discussão o resultado das pesquisas dos docentes e de outros colaboradores.

Dessa dupla característica talvez a primeira seja mais própria de periódicos de ciências humanas do que de ciências exatas. As ciências do espírito (para plagiar o termo alemão “*Geisteswissenschaften*”) dão azo a um espaço mais amplo na interpretação que marca a orientação de determinada instituição de ensino superior. Como ciências essencialmente hermenêuticas, supõem todo um contexto de interpretações, onde os novos resultados se vão encaixando ou desde os quais são explicitados. As ciências da natureza (“*Naturwissenschaften*”) baseiam-se em dados exatos e, embora desde Thomas Kuhn não se possa negar que também elas são interpretação a partir de paradigmas, têm limites mais estreitos para o uso e/ou a mudança dos paradigmas. Por isso mesmo, pode-se afirmar que é mais próprio dos periódicos que veiculam resultados de ciências humanas o ser espelho das instituições que os patrocinam.

A **Perspectiva Teológica** é, sem dúvida, – e nós sempre o pretendemos, desde que ela passou a Belo Horizonte – o espelho da Faculdade de Teologia do ISI/CES. A quintessência dessa característica são os editoriais.

Entre as três opções possíveis, encaminhamo-nos pela via que mais os definisse como expressão do pensamento de nossa Faculdade. A primeira opção, muito freqüente, é que o editorial se contente em ser a apresentação dos artigos contidos naquele número, quase uma antecipação dos resumos que, freqüentemente, antecedem os artigos ou se lhes seguem. A segunda opção seria encomendar a alguma pessoa da instituição de ensino e pesquisa um texto com certo caráter programático que, assinado pelo autor ou autora, expressasse, sim, o pensamento da instituição, mas já filtrado pela visão de uma pessoa considerada significativa. Nossa opção, porém, foi pela terceira via: o editorial a muitas mãos, resultante de uma “chuva de idéias” do Conselho de Redação, constituído por todos os professores do quadro de nossa Faculdade. Um dos membros – que permanece anônimo – recolhe as idéias e as sistematiza a sua maneira, dando às abundantes sugestões levantadas um caráter unitário. Elaborado o texto, todos os demais o recebem para observações, críticas, correções, de maneira que – quanto possível – todos possam subscrevê-lo.

Não só o editorial expressa o caráter de espelho em nossa revista. Também a escolha de um tema que se sobressaia aos demais, é uma decisão colegiada. Embora os números de nossa revista não se apresentem com caráter monográfico, desde há anos o primeiro artigo e a primeira contribuição da secção “Notas e comentários” coincide na temática que se quer acentuar e é abordada no Editorial. A freqüência de artigos dos membros de nosso corpo docente expressa também esse caráter de “espelho”. Num período em que rarearam as contribuições da própria casa, os leitores protestaram com razão, pois, ao tomarem em mãos a **Perspectiva Teológica**, esperavam encontrar o pensamento de nosso corpo docente.

Quem não venha da área de ciências humanas, dificilmente compreenderá a importância de que a revista tenha uma feição bem característica da instituição que a edita. Pensará que a instituição de ensino e seus docentes e pesquisadores se estão encerrando numa redoma, buscam escapar à crítica de estranhos no aconchego de seus comparsas, esperam apenas o aplauso de seus pares.

De fato, seria lamentável que um periódico de teologia fosse só “espelho”. Narciso poderia estar rondando com suas tentações. A **Perspectiva Teológica** quer ser também ÁGORA, o lugar da discussão, o lugar do embate de idéias, onde se encontram perspectivas novas para expressar a fé fundada na Escritura e transmitida pela grande Tradição eclesial, onde as novas tendências da sociedade e da Igreja são discutidas e postas em questão à luz da fé. Uma revista de teologia tem que estar aberta ao confronto com idéias diferentes, com outros universos culturais, com ramos de saber conexos.

Nossa revista tem sido sempre ágora. O artigo de J. B. Libânio neste número o demonstra cabalmente. Não só os grandes temas da atualidade têm sido tratados em suas páginas, mas também novos horizontes teológicos

têm sido abertos. Podemos dizê-lo com modéstia e orgulho. Nesse contexto não se deve esquecer a secção de resenhas e notas bibliográficas que, num país como o nosso, onde é tão difícil o acesso à literatura especializada, em particular a oriunda do estrangeiro, presta o grande serviço de respigar, aqui e ali, nas últimas publicações do país e do exterior, o que de mais significativo vem à luz.

A relevância de uma teologia tem que ser medida em duas frentes: a eclesial e a social.

A relevância da teologia se mostra no espaço eclesial e religioso da atualidade. Ele poderia ser qualificado – não só na Igreja católica, mas em todas as Igrejas e em todas as religiões – como um ambiente que tende antes ao fixismo fundamentalista do que à dinâmica criativa e inovadora. Nessas circunstâncias é importante que se faça perceber – e esta seria função primordial de uma revista teológica – que a transmissão da Tradição não é um simples repetir o que foi dito no passado ou o que é proclamado por instâncias superiores. Ela tem que ter intra-eclesialmente a coragem profética de denunciar as infidelidades ao Evangelho mascaradas sob fidelidade; e o valor de anunciar que uma Igreja mais fiel ao Cristo poderia sobreviver melhor em nossos tempos do que uma Igreja agarrada a atitudes ultrapassadas ou vendida às modas de cada época. A tarefa da revista teológica não é apenas tranquilizar, é também inquietar. Uma atitude bem complexa que torna o carisma do teólogo imprescindível na vida da Igreja.

À diferença dos livros que veiculam idéias mais assentadas, a revista é mais dinâmica, propositiva. Diversamente do que é veiculado pela Internet, fragmentado, fora de um contexto mais global, com conexões ao gosto do visitante, a revista possibilita um posicionamento claro que ao mesmo tempo revela o perfil da instituição que a publica.

Perante a sociedade uma revista de teologia deverá mostrar a relevância da fé para o momento cultural, político, econômico, social que se está vivendo. O periódico teológico detectará os limites das disputas atuais e permitirá perceber a amplidão e abertura para a Transcendência que está latente em todo problema humano.

É neste sentido dos embates eclesiais e sociais que a revista de teologia poderia identificar-se com a metáfora da ágora. Não se faz teologia na atmosfera quimicamente pura de um laboratório; a teologia tem que saber sujar os pés na lama dos caminhos e na poeira das periferias, tingir-se do sangue das refregas. Toda revista tem, por isso, certo aspecto de aventura, responsável certamente, mas não isenta de erros e de conflitos com instâncias da sociedade; se teológica, com órgãos da própria Igreja. Neste momento, cabe a ela resguardar a liberdade acadêmica sem submissões aviltantes nem controles heterônomos. No entanto, na sua falibilidade necessita saber reconhecer os próprios equívocos e repará-los em espírito de honestidade intelectual. Conjugar a liberdade de pensar e escrever e a

humildade acolhedora diante da verdade, que se manifesta, permanece sempre seu desafio. Articulação difícil de duas posturas antitéticas, embora coerentes.

Por tudo isso, são de vital importância para a Igreja e para a sociedade periódicos que veiculem o saber e abram perspectivas. Não sem razão, neste momento em que se multiplicam, com o aval governamental, as instituições destinadas ao ensino da teologia em nível superior, as instâncias do Governo Federal responsáveis pela qualidade do ensino no país têm insistido em que essas instituições incentivem docentes e discentes a divulgar o resultado de suas pesquisas. É uma opção justa e seria muito benéfica, se seguida à risca. O mesmo não se pode dizer da outra insistência, bem problemática, que tem levado a uma multiplicação desmesurada de periódicos de teologia. O público é restrito pelo preço elevado desse gênero de publicações, de forma que até mesmo Institutos e Faculdades não têm acesso a elas. Muito menos os estudantes. A multiplicação desse tipo de periódicos até agrava a situação, pois a tiragem se torna forçosamente menor, a divulgação irrisória. Compensaria o dispêndio de forças, energia e dinheiro? A união de diversas instituições em torno a uma revista poderia ser talvez mais produtiva.

*A **Perspectiva Teológica**, graças ao tempo de existência e aos cem números já publicados, granjeou projeção internacional expressa nas colaborações de autores estrangeiros e na amplidão das permutas com publicações congêneres dos cinco continentes, um verdadeiro milagre se se considera a língua em que é publicada.*

*Desta maneira a **Perspectiva Teológica** tem toda a razão de alegrar-se com este número 100 que os leitores têm em mãos. Números redondos, se, realisticamente, nada mais são que mais um na série, têm um apelo simbólico que não se pode desprezar. Chamam a atenção e dão azo a comemorações. Ou pelo menos a reflexões sobre o sentido do que se faz através de uma revista de teologia, como procuramos explicitar neste editorial. Em sua força simbólica, o número 100 se constitui em fruto e promessa. Fruto de um trabalho sério que os leitores reconhecem ao prestigiar nossas contribuições na pesquisa e reflexão; promessa de um futuro em que continuemos, com as novas gerações que se têm agregado ao corpo docente, com o mesmo propósito de ser ESPELHO e ÁGORA. Espelho porque ágora; ágora porque espelho. De nada adiantaria ser espelho, se a figura arrumada diante dele não viesse a se expor ao julgamento da ágora; não haveria por que gloriar-se de ser ágora, se não refletisse um pensamento coerente e coeso do corpo docente que, no diálogo interno e cotidiano nos jardins do Centro de Estudos, vai crescendo com uma peculiaridade própria de quem tem o que oferecer à Igreja e à sociedade.*